



# MULHERES GALEGAS EM LUITA

POLOS NOSSOS  
DIREITOS



## DENUNCIAMOS:

Os governos que restringem e privatizam os serviços públicos (educação, sanidade, justiça, serviços sociais), condenando aos setores mais modestos e desprotegidos (entre os quais as mulheres somos maioria) à pobreza.

Uns governos que acrescentam a desigualdade inerente neste sistema, quer entre homens e mulheres, quer entre pessoas ricas e pobres. Conseguindo que sejamos nós as que mais dificuldades temos à hora de buscar emprego ou trabalhar, topando-nos em situação de precarização, contratos a tempo parcial ou discriminação salarial; além de vermo-nos perpetuadas no rol de cuidadoras, obrigando-nos deste jeito a recluirmo-nos no fogar para poder assim encarregar-nos de filhas, familiares enfermas e/ou trabalho doméstico.

Uns governos abertamente machistas que permitem discursos que proclamam que “a maternidade é aquilo que faz às mulheres autenticamente mulheres” de Gallardón (atual *Ministro de Justicia*) ou que “as leis som como as mulheres, están para violalas” de Castelao Bragaña. Governos que suprimem organismos encarregados da igualdade, que subvencionam a segregación por sexo no ensino, devolvendo-nos a tempos pretéritos.

Uns governos que, elegidos para procurar o bem comum, amparam e/ou praticam a corrupção, ao pagar com dinheiro público dívidas alheias, enquanto fam política de defensa da igrexa, grandes empresas e bancos, que nom tenhem reparo em botar-nos das nossas casas, forçando-nos ao suicídio, à exclusom social, à pobreza e à miséria, ao roubar-nos algo tam básico como o direito a umha vivenda digna.

Uns governos que recortam em direitos e liberdades nacionais, linguísticas, sindicais, laborais, de prestação e amparo social, de expressom e manifestaçom e, em particular, aquelas relativas à saúde sexual e reprodutiva das mulheres. Que querem dar um passo para trás de mais de 30 anos com a modificaçom da Lei do aborto, que pretende negar-nos o direito a decidir sobre os nossos corpos e as nossas vidas.

Uns governos que permitem a continuidade do feminicidio e os crimes de ódio heteropatriarcais, os quais consentem e praticam o fomento dos valores e modelos de comportamento reacionários e cânones de beleza enfermiza que fortalecem a tirania da estética.

Um sistema que nos agride continuamente, que nos explora e nos faz escravas. Hoje mais que nunca é necessário combatermos cada recorte social, pois é um recorte às nossas vidas. Deste jeito, as mulheres denunciemos todas as violências que som exercidas contra nós. A violência estrutural, a simbólica, a psicológica e a verbal.

Declaramos-nos em rebeldia!



**Nós, mulheres galegas em luta polos nossos direitos, na nossa pluralidade, nos nossos diversos jeitos de ser mulher e de existir,**

## **egiximos:**

- Medidas concretas e recursos públicos em todos os âmbitos para erradicar a violência machista (educativos, sanitários, de informação e de proteção).
- Sanidade pública, universal (a incluir todas as pessoas, também as pessoas sem papeis) e de qualidade, com atenção especializada na saúde das mulheres. Nom ao peche dos COF nem à demora da atención ginecológica.
- Mantimento, como mínimo, da actual Lei de Saúde Sexual e Reprodutiva que inclui o direito das mulheres à interrupção da sua gravidez na sanidade pública. Ensino público, coeducativo, nom sexista, laico, de qualidade e em galego.
- Paralisação do projeto de Lei Wert.
- Direito a umha vivenda digna. Paralisação dos despejos imobiliários. Fomento do aluguer social.
- Emprego de qualidade e salários dignos para todas as pessoas, com igualdade salarial entre mulheres e homens. Eliminação da temporalidade, a precariedade dos trabalhos feminizados e a sobre-exploração das mulheres.
- Prestações sociais e pensons dignas. Estabelecer medidas de ação positivas para evitar as desigualdades no acesso e na quantia das pensons, derivadas de situações de discriminação. Isto é, exigimos a Renda Básica das Iguais.
- Equiparação dos direitos laborais das empregadas do fogar (400.000 continuam se dispor de seguro social), das trabalhadoras do sexo e das trabalhadoras migrantes.
- Medidas que facilitem a regularização das pessoas migrantes residentes e que garantam a plena igualdade de direitos com o conjunto da população galega.
- Aplicação da Lei de Titularidade Compartida nas explorações agrárias.
- Umha política laboral, agrária, alimentária, fiscal e social em função das necessidades da cidadania e ao serviço dumha redistribuição mais justa dos recursos, que estabeleça medidas de ação positiva para pôr fim à discriminação das mulheres e que ponha freio à emigração da mocidade galega.
- Serviços públicos, universais e de qualidade que deem cobertura às necessidades de cuidado de familiares e pessoas a cargo.
- Medidas que garantam compatibilizar a vida pessoal, familiar e laboral.
- Medidas que garantam umha vida sem limitações nem barreiras para as pessoas com diversidade funcional.
- Respeito aos nossos direitos sexuais e reprodutivos, ao controlo dos nossos corpos e a decidir sobre a nossa maternidade, estabelecendo desde os poderes públicos as condições para poder fazê-lo com todas as garantias.
- Umha vida sem violências, em plenitude de direitos, com independência da orientação sexual e identidade sexual e de género.

A igualdade é um bem de primeira necessidade!

*Viva a luta das mulheres!*

*Viva a luta feminista!*

**sábado 9 de março, ás 12.30**

**estação de comboios**

**compostela**



ASINAN:

Adiante, AMI, Andaina, Anova-IN, Area da Muller de Esquerda Unida, Asamblea Aberta de Compostela, Asemblea de Mulleres Aguilhoar, Asemblea de mulleres do Condado, Asemblea de Mulleres do STEG, BNG, Briga, Central Unitaria de Traballadoras, Feminismos Compostela, Fiadeiras Ceeg, Foro Galego de Inmigración, Fpg, Isca!, Marcha Mundial das Mulheres, Nós mesmas, NÓS-Unidade Popular, Observatorio Feminista de Saúde da Coruña, Rede Feminista Galega, Secretaría da Muller da CIG, Secretaría das Mulleres do Sindicato Labrego Galego